



Histórias de vida e o Vera

Uma bela fornada



Paula Fava Ditt Lutti

Orientadora (EF nível 2)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Paula começou a trabalhar no Vera em 1990.
Ela se despediu da Escola em 2020.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

Passo a passo rumo ao Vera

Nasci em São José dos Campos. Sou de uma família com quatro irmãos: tenho uma irmã mais velha, uma mais nova e um irmão caçula. Meu pai é de Santos e minha mãe de São José do Rio Preto. Eles se conheceram em São Paulo, se casaram, e meu pai foi convidado a trabalhar no ITA, em São José dos Campos. Meu pai é formado em psicologia, é um dos primeiros psicólogos. Hoje, ele tem 92 anos. Se eu não me engano, o CRP dele é nº 16! Meu pai também foi ligado à educação, trabalhou com Cynira [Fausto, fundadora], como orientador educacional, inicialmente.

Meus pais se mudaram para São José, onde os quatro filhos nasceram. Quando meu irmão tinha mais ou menos um ano e eu oito, a gente veio para São Paulo por causa do trabalho do meu pai. Meus pais ficaram em dúvida entre duas escolas: o Vera e o Pueri Domus, para onde a gente acabou indo. Os quatro no mesmo período, para o gerenciamento da família. Por isso, o Pueri Domus. Estudei lá até o final — na época, colegial — e cheguei a fazer magistério lá. Comecei a minha carreira no Pueri.

Conheci mais profundamente o Vera quando estava na faculdade de pedagogia e era colega de classe de Lucila [Toledo

Bernardes], que foi professora do Verinha durante muitos anos. Lucila falava do Vera Cruz com uma paixão enorme! "Porque, no Vera Cruz, a gente estudava Emilia Ferreiro", e a faculdade nem sabia de quem se tratava. Isso era 1986.

Lucila trouxe meu currículo para o Vera, e acabei sendo chamada. Eu estava no último ano e não conseguiria conciliar as duas coisas, a reunião do Vera e as matérias que eu tinha que terminar na faculdade. Abri mão do Vera, mas, no ano seguinte, fui chamada de novo. Eu tinha 22 anos. Me formei em 1989 e, em 1990, comecei no Vera, como auxiliar de classe. No meio do ano, substituí uma professora que pediu licença. E, aí, foi, sempre na Educação Infantil, no Verinha, menos os dois últimos anos. No Verinha, circulei por todos os segmentos da Educação Infantil, na época, os dois primeiros anos do Fundamental. Conheci todas as séries, trabalhei bastante com alfabetização. Era uma paixão ensinar a ler e escrever, muito maravilhoso isso. Fiquei dez anos pedindo para a Escola alguns desafios.

A caminho da Orientação

Em 2000, assumi uma vaga de Orientação no G5. Fiz vários ciclos: G5, 1ª e 2ª ano. Peguei um momento muito maravilhoso do Verinha, um momento de muita mudança. Além da reforma

física, quando o Verinha ficou muito bonito com aquele nivelamento dos pátios, acesso para cadeira de rodas, as salas todas abertas para as varandas, a construção daquelas varandas, teve uma parceria entre o projeto físico e o pedagógico, houve a ida dos bem pequeninhos para a Alvilândia. Peguei todo esse movimento da Escola como orientadora. Participei bastante da construção dessas duas Unidades que sempre conversaram muito, sempre tiveram uma parceria muito forte. Foram tempos maravilhosos, de muito estudo! A gente começou a estudar Fernando Hernandez, os trabalhos das escolas da Itália; foi um momento de muito investimento na formação dos professores, o que foi bem bacana. Falo sempre que me formei no Vera. Apreendi muito mais no Vera do que na faculdade.

Tem uma coisa fantástica que é essa descoberta que as crianças fazem do universo da escrita, o momento em que elas começam a enxergar o mundo de outro jeito, mais calcado na realidade. Elas têm acesso a todo tipo de informação, entendem as informações faladas, as escritas. Elas estão muito conectadas com o mundo externo. É uma época em que as crianças têm muitos medos também, exatamente por estarem muito conectadas com o real, com o assalto, o ladrão, as múltiplas possibilidades da vida. É um período em que aparecem muitos medos, mas é um período de muita abertura, muita descoberta, muita transformação.

Quando eu estava com os menores, até brincava quando eles voltavam das férias: parecia que tinham descansado que nem pão, que cresce... (risos). Era incrível! É um período de crescimento tanto intelectual quanto físico, é muito bom!

Como orientadora, lidava com muitas crianças, muitos professores, muitas famílias. O orientador tem algumas ilhas, e é responsável pela conexão delas: professores com Coordenação, famílias com professores... O professor é um protagonista que aparece, é o gestor do grupo, é a pessoa que tem que estar visível. E o orientador tem um protagonismo superforte, mas não aparece, ou aparece em algumas situações, quando se tem que fazer uma interlocução com uma família muito complicada, quando se tem uma criança com uma dificuldade muito grande, um professor que está precisando de muita ajuda, o orientador aparece. Senão, ele é um anteparo para o professor, uma pessoa que auxilia, mas não é ele que tem que aparecer. Quando o orientador aparece mais que o professor, a gente tem um problema. Quem tem que aparecer é o professor.

Aprendizados de uma orientadora

No meu caso e no de algumas orientadoras, teve o momento delicado de ter saído do lugar de professora para o lugar de

orientadora. Você é um parceiro e, de repente, tem um deslocamento. Você é um parceiro de um lugar um pouco diferenciado. Esse é um desafio nem sempre muito cômodo, principalmente no começo. Depois, na hora que você se estabelece no seu lugar, as coisas se organizam.

O orientador tem essas múltiplas entradas, um desafio também, sempre virando muitas chavinhas. Uma hora, estou falando com criança, agora, com professor, agora, com família, agora, com a coordenação, outra, com a Direção, depois, com o profissional que atende a criança. Essa é a diferença. Enquanto o professor consegue estar mais focado na aprendizagem das crianças e naquele trabalho, o orientador está em muitas frentes. Quando eu pegava uma turminha no G5, no final do ano as professoras conheciam mais as crianças do que eu, porque cada professora estava mergulhada no seu grupo e eu, em muitos grupos. Quando chegava no 1º ano, eu conhecia as crianças mais do que as professoras. Era um movimento de parceria com a mudança de lugar, de ser aquele que está dominando mais e, de repente, não. Você precisa do professor para ter dados daquela criança, precisa confiar no professor, e o professor precisa confiar em você. Acho que é uma construção boa.

Quando eu era professora e fui convidada para ser orientadora, eu queria isso; mas a gente faz o pedido, acha que não vai acontecer, e quando aconteceu, levei um grande susto. Lembro que Heitor me ligou, era 23 de dezembro. Era professora, estava de férias, fazendo massa de lasanha porque a gente ia fazer um jantar à noite na minha casa, para comemorar o Natal com a minha família. "Nossa, 23 de dezembro, o Heitor me chamando, o que aconteceu?!" Fui meio suja de farinha conversar, e ele veio com essa proposta. Lembro que a gente ficou conversando, porque meu filho estava no G5, e eu ia ser orientadora do G5. Ficamos tentando desfazer uns nós para dar certo. No fim, deu.

Quando fui convidada, eu tinha a sensação de que ia ser muito bom, que eu ia dar conta do trabalho com os professores e que ia sentir uma certa dificuldade no trabalho com as famílias. Sempre gostei muito do trabalho pedagógico, de pensar em atividade, propor ficha, criar projeto, então, achava que trabalhar com os professores ia ser fácil; com as famílias é tão delicado, você tem que pensar em como vai falar, o que vai falar, como vai apontar certas coisas. Quando eu comecei mesmo na lida, planejar reunião com professor, atender pai, acolher mãe, fui vendo que era bem difícil, talvez porque, naquele começo, eu estivesse nesse lugar delicado de ser colega, uma parceira que não está mais no mesmo lugar.

Achei os dois primeiros anos bem difíceis com os professores e me encantei com o trabalho com os pais. Fiquei completamente apaixonada, mesmo com toda a dificuldade. Não é fácil conversar com os pais, mas adorei! Deu supercerto minha parceria com as famílias. No trabalho com os professores, acho que fui me fortalecendo nesse lugar, então, depois, também virou uma coisa muito boa, positiva.

Já estava há 10 anos na Orientação, quando acabei fazendo um curso de formação em terapia de casal e família. Era 2010. Em 2014, me formei como terapeuta de casal e família e, em 2015, comecei, muito influenciada pelo meu papel de orientadora. Quando fui fazer minha escolha de graduação, tinha muitos desejos: pedagogia, psicologia, essas áreas do cuidado com o outro. Acabei escolhendo a pedagogia.

Fui uma aluna com dificuldade de aprendizagem, uma criança que demorou para ser alfabetizada, não foi, para mim, um processo fácil. E me lembro da minha descoberta, no Vera, de questões da Matemática. No primeiro ano, a gente foi fazer uma reunião com Mara [Vada Lopes], que era assessora de Matemática, e ela explicou como se dá a decomposição dos números — o que é esse "vai um" na conta de subtração. Não é que vai um, não é que o número vira... Enfim, ela deu uma

explicação. “Nossa, o ‘vai um’ é isso!”. Fui entender, com 22 anos, o que era o “vai um”. Olha só que incrível!

Um susto e a decisão

A gente passou a viver uma escola que não era exatamente a escola em que a gente acredita. Uma escola atrás da tela, distante das crianças, que aprendem em relação, conversando com o outro, em contato com o outro. Por mais que você tente proporcionar isso por meio do computador, é muito difícil! A criança precisa ter um suporte físico para dar conta disso. Acho que a escola, nesse momento, perdeu esse lugar. E todo mundo se desestruturou muito — as famílias, os professores, as crianças, e a gente tinha que dar conta de levar tudo isso, de ajudar todo mundo, sendo que a gente também não estava dando muito conta.

Em 2020, a gente trabalhou de manhã, de tarde e de noite, nos finais de semana... Fui dois anos orientadora do 3º ano. Tive que fechar o consultório, não dava conta do consultório diante da demanda da pandemia. Tive que criar material novo, aprender a mexer com a tecnologia, ajudar os professores com a tecnologia, acolher as famílias, fazer tabelinha de presença na Escola, quem entra com quem, os grupos que

podem se cruzar, que não podem se encontrar porque um teve covid, aí, se suspende a classe inteira... A gente ficou num trabalho burocrático 100% do tempo, e, aí, eu acabei falando: “Não, fiz um projeto de dez anos de investimento na minha formação, na terapia de família. Ou paro agora para poder dar conta do consultório, ou vou perdê-lo”. E acabei saindo um ano antes do planejado. Saí no final de 2020, com muita dor no coração, com muita dúvida, com muito medo, mas encerrei para salvar o consultório. Trinta anos depois!

Inclusão para o bem de todos

Cada aluno é um aluno, é um trabalho bem desafiador, mas muito formativo para todo mundo. Os adultos ficam muito desestruturados, no bom sentido, pois têm que sair do previsto para pensar no imprevisto, porque essas crianças pedem isso. É desafiador, mas é extremamente enriquecedor para as outras crianças, que aprendem que as pessoas são diferentes, que cada um aprende diferente, que, às vezes, uma pessoa precisa de mais ajuda do que outra e que está tudo bem, faz parte. As crianças aprendem a ser colaborativas, generosas. Na relação com essas crianças, elas aprendem muito, as famílias aprendem muito, e a criança que tem alguma questão, evidentemente, aprende muito também. Às vezes, a maior aprendizagem

nem é no âmbito pedagógico; muitas vezes, é no âmbito da aprendizagem social. É estar naquele grupo, brincar com aquelas crianças, se sentir desafiada. É estar num grupo de crianças que puxam você para cima e não com crianças que a deixam no mesmo lugar. Acho que o saldo é muito positivo. Do lugar de orientadora, a gente tem ainda a entrada dos outros profissionais que acompanham a criança, um terapeuta ocupacional, uma fono, um físico; a gente aprende muito.

De vez em quando, as pessoas falam: "Nossa, você tem um olhar para questões de fono!". Eu tenho porque conversei com muitas fonos e aprendi muito com elas, que me deram muita referência para eu olhar para coisas que antes não olhava, um olhar muito mais instrumentalizado a partir da conversa que tenho com elas. Esses profissionais que acompanham as crianças fora da escola ajudam bastante, às vezes até a vencer uns preconceitos que a gente tem com essa ou aquela linha terapêutica. Você vê que essa linha para aquela criança resultou num trabalho superbom, com coisas que a gente não conseguiu. Não tem quem não agregue, mesmo que as pessoas pensem muito diferente. É uma maravilha esse trabalho de inclusão.

Existe um documentário com uma aluna nossa, uma criança de inclusão com uma questão muito importante, muito

diferente de tudo que a gente já tinha recebido. Ela participou do documentário que falava de crianças autistas; uma das características da síndrome dela era o autismo. Eles acompanharam a vida de seis crianças, e uma delas era uma aluna nossa. A gente aparece no documentário, falando do quanto foi importante para ela estar nesta escola, com crianças típicas, para o desenvolvimento dela, e de tudo que ela aprendeu dentro da Escola. É bacana ver como faz diferença na vida deles.

Filhos, o saldo

Meus filhos estudaram no Vera o tempo todo, desde o Maternal até o final do Ensino Médio. Comigo, era bom e ruim. Bom, porque você está pertinho sempre, sabe do trabalho, sempre fui muito encantada com o trabalho da Escola como um todo. Poder acompanhar era muito gostoso, mas havia desafios, de eles me verem com outras crianças, me solicitarem no lugar de mãe e eu ter que dizer: "Não, sua professora está lá. Agora, você está na escola". Essa divisão, quando eles são muito pequenininhos, é muito desafiadora. Para meu filho mais velho, foi difícil depois. Quando ele foi para o Verão, a gente perdeu esse laço. Brinco que ele fez adaptação no Verão, não fez no Verinha, porque ele me via o tempo inteiro. No primeiro semestre, deu um nó na cabeça dele. Foi difícil para ele essa passagem. Para minha filha,

que é mais nova, foi um alívio! Ela se incomodava muito de me ver com outras crianças. Quando ela foi para o Verão e deixou de me ver, foi libertador.

Acho que meu maior desafio como mãe foi ser mãe e professora ao mesmo tempo. Sinto que não fiz vínculos com as famílias como as outras conseguem fazer. O fato de eu ser uma profissional da Escola me distanciou das famílias. Nem tudo dava para falar; quando tinha uma queixa, uma reclamação, tinham que cuidar para não chegar em mim; se chegasse, sabiam que de algum modo eu ia fazer alguma interlocução, alguma colocação. Isso criou um afastamento das famílias no lugar de mãe.

Mas, do ponto de vista da aprendizagem dos filhos, de ter acompanhado, de ter domínio do que está acontecendo, de saber que o trabalho vai dar certo, nisso eu sempre confiei muito. Rodrigo é engenheiro de biotecnologia e bioprocessos; Gabriela estudou relações internacionais. Todo mundo falava que o Vera forma alunos de humanas, mas o Rodrigo tirou 9,5 em cálculo na faculdade. Teve quatro semestres de cálculo em engenharia, e só no último ele foi mais ou menos, tirou seis, porque nos outros ele tirou oito, nove, dez. Ele dizia: "Eu não decoro fórmulas, eu entendo o exercício". Para mim, essa é a Matemática do Vera. E reconheço o Vera em Gabriela, na escolha

que ela fez: ela trabalha com logística reversa, na Associação Brasileira de Vidro, com destinação de vidro, reaproveitamento, trabalho educativo, pensar o meio ambiente. Isso tem bastante a ver com o Vera.

Enfim, o consultório

Comecei a me encantar por essa coisa da aprendizagem, de ensinar, aprender, e fui para a pedagogia. A psicologia ficou como um sonho não realizado. Então, achei que a possibilidade de fazer essa formação era um resgate, uma possibilidade de eu ir para o consultório, um trabalho que eu tinha vontade de fazer. Fiz a formação, que me ajudou muito no trabalho na Escola e me possibilitou essa abertura para um outro campo. Sou muito focada e organizada, então também tinha o plano de fazer um projeto de aposentadoria, porque sei que a Escola pede uma vitalidade que, às vezes, a gente vai perdendo com o tempo. Não que a gente perca a vitalidade intelectual, mas a vitalidade física, o horário, aquele compromisso todo santo dia, às 7h30 da manhã, toda terça-feira até 9h30 da noite, e, na quarta-feira, às 7h30, você está lá de novo. A gente vai ficando bem cansada. Queria ter mais flexibilidade, uma coisa que a Escola não possibilita muito, quase nada. Se você falta, tem uma turminha de 30 crianças que fica "órfã" de um professor, ou tem

uma turma de professores que fica órfã da orientadora, e assim por diante. Achei que o consultório era uma oportunidade de eu viver essa experiência.

Em 2015, comecei a trabalhar com um consultório bem pequenininho, porque era o que cabia numa manhã e numa tarde que eu tinha livres. E, aí, o consultório começou. Em 2018, me aposentei, mas não consegui parar. Fiquei morrendo de medo, superinsegura, achando que não ia dar certo, que eu não ia gostar de sair da Escola, e resolvi ficar por mais um ciclo. A Escola me convidou para seguir para o Verão com as crianças, com a turminha do 2º ano para o 3º ano. Então, vivi a experiência de passar para o Fundamental nível 2 e para o 3º ano, uma experiência sensacional. Foi muito bom ter podido conhecer o nível 2 de um outro lugar. Mas veio a pandemia.

Tenho uma sala bem gostosa, grande, parece uma sala de visita mesmo, então, na pandemia, a gente fazia um acordo para ter a janela aberta, sentava longe. Quem quis voltar para o presencial, voltou.

Foi incrível, porque, quando eu comuniquei à Escola, em julho, que eu ia parar no final do ano para fazer esse investimento no consultório, a Escola comunicou aos pais e professores. Já em

setembro, algumas pessoas começaram a me ligar. As coisas foram se encaixando, fui conseguindo decidir fazer essa passagem, e o consultório foi dando sinais de que era isso mesmo, que era para eu investir nele.

Pão e educação: uma rima com solução

O pão começou como uma coisa pessoal. Queria fazer um pão de qualidade para mim, porque estava cuidando da alimentação, dieta... Fiz uns dois cursos, aprendi a fazer o fermento natural, a saber o ponto da massa, e comecei a fazer pão para mim. Quando veio a pandemia, comecei a fazer pão para dar de presente, no aniversário das pessoas. Eu fazia um pão, comprava um azeite e dava de presente. Então, comecei: "Você não quer vender? Você não quer fazer? Você faz um para mim? Vou receber uma visita, você faz um pão?". E quanto mais a gente faz, mais bonito ele fica, a gente vai acertando a mão, a experiência ajuda você a saber o ponto da massa, se deu certo. Fiz um curso para padeiro mesmo, de pães integrais, um curso sobre fermentação natural. Comecei a fazer quantidade grande de pão: eram seis quilos de farinha, 12 quilos de massa depois, que dão 20, 24 pães, uns pães superbonitos. Eu fiz até um Instagram para os meus

pães (risos). Depois, comecei a fazer umas experiências de pão sem glúten, deu supercerto também, é um pão delicioso.

O pão tem muito a ver, sim, com o projeto da Escola, que ensina você a ter paciência. O pão tem o tempo dele. Se está frio, é uma coisa; se está calor, é outra. É ele que decide tudo, não é muito a gente. É bem a relação com a aprendizagem mesmo (risos).

Uma Escola que fica

Amo esta Escola, ela está em mim. No consultório ou quando a gente faz umas reuniões de supervisão, num trabalho voluntário que atende famílias e casais, vira e mexe eu vou dar um exemplo e falo: "Porque lá na Escola...". A Escola ainda está em mim, e acho que vai ficar para sempre. Mas é muito interessante que eu consigo trazer mais exemplos de escola do que de consultório ainda. Então é isso, esta Escola, realmente, faz parte de mim.

Consigo enxergar que o que eu sou hoje tem uma parcela grande do que eu aprendi no Vera, do que fui no Vera, com as pessoas do Vera, na parceria com os professores, com o corpo técnico, com Angela [Fontana, coordenadora], com Beth [Scatolin], que foi a minha primeira mestra de Orientação, e, nos

últimos anos, com Débora [Rana, coordenadora]. Todas essas minhas parceiras foram, cada uma, uma escola diferente.

É muito emocionante falar do Vera! O Vera é uma escola afetiva, que considera o humano, a pessoa, as diferenças. Quem tem o privilégio de ficar aqui tanto tempo sai mesmo modificado.



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

